



Tailor Report

Relatório de Mercado

Semana 22/09 - 26/09



Macroeconomia

O cenário macroeconômico da semana foi marcado por ajustes relevantes nas projeções brasileiras e por forte volatilidade internacional em função das políticas econômicas e comerciais dos Estados Unidos.

No Brasil, o Boletim Focus trouxe a segunda revisão consecutiva para baixo da expectativa da Selic em 2026, agora projetada em 12,25%, após longos meses de estabilidade em 12,50%. Para este ano, permanece a visão de que os juros terminarão em 15%, reflexo da decisão recente do Copom, que reforçou a necessidade de manutenção da taxa em patamar elevado por período prolongado para conter pressões inflacionárias. O Relatório de Política Monetária do Banco Central também trouxe um tom cauteloso, revisando a projeção de crescimento do PIB de 2025 de 2,1% para 2% e apontando expansão ainda mais modesta de 1,5% em 2026. A inflação segue em trajetória de acomodação, com o IPCA-15 de setembro subindo 0,48% e acumulando 3,76% no ano, resultado abaixo do esperado e com melhora nos núcleos. Esse quadro reforça a perspectiva de cortes de juros a partir do início de 2026, embora o BC ainda destaque a persistência da inflação de serviços. No campo político, o Brasil permanece no radar internacional após novas sanções impostas pelos EUA a autoridades e familiares ligados ao Judiciário, fato que adiciona ruído às relações bilaterais, apesar das sinalizações positivas de aproximação entre Trump e Lula, com encontro previsto para a próxima semana.

No exterior, a atenção se concentrou no Federal Reserve e nos efeitos da política comercial norte-americana. O presidente Jerome Powell destacou os desafios de conciliar inflação ainda elevada com sinais de enfraquecimento do mercado de trabalho, mantendo a projeção de novos cortes graduais de juros até o fim do ano, embora dirigentes do Fed apresentem visões divergentes sobre o ritmo adequado do afrouxamento. O dado mais relevante veio do PIB dos EUA, revisado para alta de 3,8% no segundo trimestre, bem acima das estimativas, apoiado pelo consumo forte das famílias e investimentos em tecnologia. Ao mesmo tempo, a inflação medida pelo PCE avançou 0,3% em agosto, alinhada às previsões, mantendo o núcleo em 2,9% no acumulado de 12 meses. Esses números, combinados ao avanço do patrimônio das famílias, reforçam a resiliência da economia americana, mas sustentam a necessidade de cautela do Fed. No campo político, Donald Trump anunciou novas tarifas que atingem setores estratégicos, como farmacêutico, móveis e caminhões pesados, ampliando preocupações sobre o impacto nos preços e no comércio global.

Nos mercados, o ambiente foi de forte oscilação. Nos EUA, as bolsas alternaram recordes e quedas em meio às falas do Fed e às medidas comerciais de Trump. Na Europa, a cautela prevaleceu diante de dados mistos de atividade e da pressão sobre grandes empresas, enquanto na Ásia, as bolsas reagiram de forma dividida entre lucros no setor de tecnologia e movimentos de realização após ganhos recentes.

Mercado Sucroenergético

A semana do açúcar foi marcada por forte volatilidade, com oscilações influenciadas tanto por fatores externos quanto pelo andamento da safra no Centro-Sul. No início, Nova York ensaiou recuperação após várias sessões abaixo de 16 c/lb, apoiada pelo câmbio e pelo apetite comprador, especialmente da China, que aproveitou a queda para recompor estoques. Esse movimento trouxe certo suporte aos preços e revelou uma mudança importante no posicionamento dos agentes comerciais, que, pela primeira vez desde 2019, apareceram liquidados comprados no saldo. Porém, a trajetória logo foi revertida: a divulgação do relatório da UNICA confirmou moagem recorde e produção de açúcar em patamares históricos, o que renovou a pressão sobre o mercado e levou o Out/25 a mínimas de dois anos, em torno de 15,50 c/lb.

Nos fundamentos, o Brasil segue sendo o epicentro das atenções. O clima seco em agosto favoreceu a moagem, que superou 50 milhões de toneladas na quinzena, enquanto a produtividade mostrou sinais de recuperação, reduzindo a diferença frente à safra anterior. O mix açucareiro continua elevado, sustentando recordes de produção e reforçando a oferta robusta no curto prazo. Ao mesmo tempo, o câmbio abaixo de R\$ 5,30 pressionou ainda mais os preços em reais, deixando o açúcar próximo das mínimas nominais desde 2023.

Do lado do etanol, a paridade segue favorável, mas a recente queda no hidratado refletiu mais ausência de compradores do que fundamentos de oferta. Ainda assim, a escalada do biocombustível tende a reabrir a concorrência pelo mix nas próximas quinzenas.

No cenário internacional, a Índia permanece como incógnita central. Embora a expectativa seja de recuperação de safra, há riscos relacionados ao excesso de chuvas, que podem prejudicar a produtividade e até postergar exportações, hoje projetadas em apenas 1–2 milhões de toneladas. A decisão do governo indiano sobre liberar volumes ao mercado externo será determinante para o equilíbrio global no início de 2026. Já na Tailândia, as perspectivas também são de aumento de produção, reforçando a percepção de superávit para o próximo ciclo. Na Europa, o clima adverso no cinturão de beterraba segue sustentando os preços dos brancos, com o white premium em patamares elevados, fator que mantém ativa a arbitragem via refinarias.

Em resumo, a semana trouxe alívio momentâneo, mas os fundamentos de oferta ainda prevalecem, com moagem forte no Brasil e perspectivas positivas no Hemisfério Norte. A proximidade da expiração do Out/25 adiciona mais uma camada de volatilidade, diante do elevado volume ainda pendente de fixação. No curto prazo, a pressão segue negativa, mas a combinação entre possíveis limitações climáticas, incertezas na Índia e paridade com o etanol pode oferecer sustentação ao mercado nos próximos meses.



Clima & Tempo

A semana começou com o avanço de uma frente fria ao longo do litoral brasileiro, trazendo chuvas que ajudaram a recompor a umidade do solo e favorecer o desenvolvimento da cana-de-açúcar no Centro-Sul. As precipitações concentradas entre domingo e segunda-feira podem afetar dois dias de moagem na região, especialmente no Paraná, Mato Grosso do Sul, Assis-SP e Ribeirão Preto-SP, que foram as áreas mais impactadas.

Neste mês, áreas do sul do Centro-Sul, como o Paraná, apresentaram uma leve melhora no balanço hídrico, mas o restante da região continua enfrentando estresse hídrico em razão da seca prolongada dos meses anteriores. Com o deslocamento da frente fria em direção ao Nordeste, a previsão para os próximos dias volta a indicar tempo mais seco. Ambos os modelos apontam chuvas abaixo da média para a maior parte do Centro-Sul. O modelo americano prevê precipitações acima da média no sul de Mato Grosso, enquanto o modelo europeu apresenta um cenário mais conservador, com chuvas restritas ao Paraná. O NDVI continuou em queda no último mês sob a influência da seca persistente. Ao mesmo tempo, a radiação solar segue seu declínio sazonal, em linha com as médias históricas para este período. As previsões indicam calor persistente no Centro-Sul, com temperaturas máximas acima de 40 °C, especialmente em São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás. No Sudeste, as mínimas abaixo de 15 °C ajudam a reduzir o estresse térmico das lavouras; no entanto, até o próximo fim de semana, a tendência é de intensificação do calor nas tardes em toda a região.